



## A ESCRITA ESPONTÂNEA DE CRIANÇAS A PARTIR DA PERSPECTIVA PSICOGENÉTICA

### THE SPONTANEOUS WRITING OF CHILDREN FROM THE PSYCHOGENETIC PERSPECTIVE

Micarla Silva de Azevedo<sup>1</sup>  
Nathany Morais de Souza<sup>2</sup>  
Nazineide Brito<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente estudo objetivou analisar a escrita espontânea de crianças da Educação Infantil à luz da perspectiva psicogenética de Emília Ferreiro. Para isso, investigou-se as hipóteses de escrita de quatro crianças de uma turma de Nível IV, com idades entre quatro e cinco anos, de uma escola pública localizada no município de Caicó-RN. Diante disso, destaca-se o percurso histórico da língua escrita e o caminho metodológico que envolveu a pesquisa exploratória com a utilização de ferramentas de cunho qualitativo, tais como a entrevista e alguns materiais, como: cartões, lápis e papel. De modo geral, a pesquisa pauta-se na ideia de que a compreensão dos níveis e períodos que compõem a conceitualização da escrita tem grande importância para a mediação do processo de evolução da escrita por parte dos educandos.

**Palavras-chave:** Língua escrita; Perspectiva psicogenética; Escrita espontânea.

**ABSTRACT:** The present study aimed to analyze the spontaneous writing of children in Early Childhood Education on the psychogenetic perspective of Emília Ferreiro. Four children from a Level IV class, aged between four and five years, from a public school located in the city of Caicó-RN, were investigated for the writing hypotheses. Stood out the historical path of written language, and the methodological path, which involved exploratory research that used qualitative tools, such as interviews and some materials, like cards, pencils and paper. In general, the research is based on the idea that understanding the periods that make up the writing conceptualization is of great importance in order to mediate the process of evaluation of writing from students.

**Keywords:** Written language; Psychogenetic perspective; Spontaneous writing.

## INTRODUÇÃO

Pensar no processo de aquisição da língua escrita hoje exige mais do que apenas selecionar métodos e recursos didáticos. Para compreender esse processo, faz-se importante considerar um pouco da história da evolução da escrita na humanidade, além de refletir sobre a essência do que seja escrita enquanto objeto de conhecimento.

Para esse último buscaremos na Psicogênese da escrita, teoria embasada nos últimos estudos de Emília Ferreiro (1994), que contempla, a partir do uso da escrita espontânea de crianças ainda não alfabetizadas, a identificação de um processo percorrido pelo aprendente no seu contato com materiais escritos, destacando-se diferentes níveis evolutivos até culminar como domínio do

<sup>1</sup> Micarla Silva de Azevedo, graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, silvamicarla14@gmail.com

<sup>2</sup> Nathany Morais de Souza, graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nathany.morais@hotmail.com

<sup>3</sup> Nazineide Brito, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nazibrito@gmail.com



Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Compreende-se que, enfatizar a conceitualização dos níveis de escrita, a partir das ideias de Emília Ferreiro (1994) contribui para que o educador possa mediar o processo de aprendizagem dos educandos. Afinal, torna-se preciso questionar: por que pensar esse processo ainda na Educação Infantil?

Em vista disso, o presente trabalho partiu da necessidade e objetivou analisar a escrita espontânea de crianças à luz da perspectiva psicogenética, sendo de extrema relevância ao passo que, instiga reflexões acerca dos níveis de escrita e da inserção em espaços de leitura desde a Educação Infantil.

A pesquisa foi realizada a partir de um trabalho desenvolvido no componente curricular Processos de Alfabetização I, do Curso de Pedagogia em uma escola de Educação Infantil, da rede pública da cidade de Caicó/RN. A escola selecionada encontra-se localizada na periferia da cidade, recebendo uma clientela de diferentes realidades socioeconômicas e culturais.

No que diz respeito à estrutura desse trabalho, pode-se afirmar que está disposta da seguinte forma: o primeiro momento apresenta uma retrospectiva histórica da evolução da escrita e da aquisição do sistema alfabético na infância. Assim, também serão abordados os níveis de escrita, a fim de interpretar à luz da perspectiva psicogenética, o que classifica ou não o educando em determinado nível e período.

Logo após, salienta-se que o trabalho é de caráter qualitativo, envolvendo pesquisa exploratória com a realização de entrevistas e análises das escritas espontâneas de crianças da Educação Infantil. Por fim, enfatizam-se os resultados da análise e registro da escrita espontânea das crianças. Outrossim, detalha-se a coleta de dados da entrevista realizada com os educandos e aponta-se a relevância de pesquisas como essa para os profissionais da área educacional.

## ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DA ESCRITA E SUA INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O homem é em tese, conforme salienta Aranha e Martins (1993) o único animal capaz de criar símbolos, estes constituídos de forma arbitrária, se apresentam como fruto da racionalidade, típica da espécie humana. A linguagem humana, sistema simbólico por excelência, se apresenta como fruto dessa criação. E, no que diz respeito à linguagem escrita, desde os primórdios, diferentes civilizações foram criando artifícios que possibilitaram a evolução de seus sistemas de escrita conforme seus instrumentos e necessidades.

Nesse contexto, importante considerar que a invenção da escrita se configurou na sua essencialidade não como uma simples técnica de codificação, mas como um sistema de representação, passando por um processo de evolução, desde os primeiros registros de escritas realizadas a partir de desenhos nas cavernas (fase pictográfica), aos símbolos criados para representar ideias/objetos/nomes (fase ideográfica) até a invenção das letras para representar os sons da fala (fase fonográfica) que culminou com o surgimento da escrita alfabética.

Por outro lado, importa destacar que, ao se focalizar o processo da aprendizagem da escrita dentro do processo de escolarização, também se é possível e necessário compreendê-la como um sistema de representação, e não meramente como um código a ser dominado. Em vista disso, para se apropriar desse sistema, o indivíduo precisa percorrer também um processo de construção, elaborando suas hipóteses sobre como funciona o sistema, até se apropriar de forma definitiva da hipótese alfabética e dos elementos necessários para a compreensão do nosso sistema de escrita (FERREIRO, 1994).

Ao se considerar o processo de alfabetização da criança em seu sentido amplo, pode-se afirmar que conforme explica Cardoso (2012), a leitura e a escrita são práticas culturais



incorporadas pelo sistema educacional, sendo assim, é possível o contato com esses objetos de ensino, mesmo que ainda não se tenha como objetivo o domínio formal do sistema de escrita, como é o caso da Educação Infantil. Ao observar a professora lendo e escrevendo, e mais ainda, possibilitando que as crianças tenham uma proximidade maior com a escrita, levando-as a lerem e escreverem mesmo sem ter o domínio da escrita convencional, o seu espaço de aprendizagem é consideravelmente ampliado.

Em virtude disso, faz-se relevante as produções espontâneas das crianças, haja vista que indicam uma tentativa de compreender a natureza da escrita. Posto isso, quando uma criança escreve do jeito que ela pensa que a palavra se constitui, há uma série de interpretações que se podem inferir a partir da natureza processual da aprendizagem.

Entretanto, como bem evidencia Cagliari (2012), não rara às vezes, a escola dando ênfase a atividades padronizadas negligência a possibilidade de oferecer um espaço para a exploração do saber da criança acerca da escrita, inserindo-a num ambiente artificial, no qual a língua deixa de ser percebida na sua função comunicativo-linguística e passa a se tornar simples objeto escolar, sobretudo, de avaliação. Por conseguinte, quando o contexto da produção da escrita espontânea não é considerado, o processo de aquisição da escrita pode ser comprometido, ao passo que o educando passa a não ter confiança nas suas produções.

Nesse aspecto, salienta-se a alfabetização que:

[...] nessa reflexão, igualmente, consideramos que o nosso objeto de estudo (alfabetização) acontece num processo, em que suas etapas evolutivas se constituem como aprendizagens conceituais que se (ré) constroem na interação do sujeito do conhecimento (o alfabetizando) com o objeto de conhecimento (a língua escrita), em situações mediadas por outros sujeitos- professor/a, colegas- e pelo signo linguístico (CAMPELO, 2015, p.188-189).

Indubitavelmente, quando se pensa na Educação Infantil e nas diretrizes nacionais que a regem no século XXI, torna-se nítido que essa etapa da formação, não tem por objetivo a alfabetização. Conquanto, segundo os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil é necessário que se tenha “Crianças tendo experiências agradáveis, variadas e estimulantes com a linguagem oral e escrita” (BRASIL, 2009, p.33).

Nesse sentido, conforme salienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) é necessário promover condições de espaços, tempos, materiais e nas próprias interações para que esses educandos possam se expressar nas mais diferentes circunstâncias. Em consonância ao exposto, a Base Nacional Comum Curricular (2017) também expressa que desde cedo a criança tem interesse pela cultura escrita, sendo assim, é a partir disso que ela vai construindo sua concepção de língua escrita. Além disso:

[...] o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustração e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2009, p.40).

Em Por esse viés, como afirma Campelo (2015) considerar a escrita espontânea, como resultado de uma produção original, na qual o educando escreve como ele compreende e não a partir de uma cópia já determinada, possibilita o processo de aquisição da língua escrita pelo



educando. Entretanto, mais do que garantir o processo de alfabetização da criança na Educação Infantil, torna-se necessário criar condições para que ela possa se aproximar da escrita como um importante objeto cultural, e como uma dessas formas, poder se expressar e ter oportunidade de desenvolver sua escrita espontânea.

A partir das análises de escritas espontâneas de crianças ainda não alfabetizadas, Ferreiro (1994) identificou três relevantes períodos com suas respectivas subdivisões: o primeiro deles, quando a criança consegue distinguir o desenho da escrita e passa a esboçar rabiscos ou garatujas representando um protótipo da escrita que conhece (Nível pré-silábico 1); o segundo, quando passa a apresentar critérios qualitativos (escreve letras iguais/repetidas; palavras diferentes escreve com letras diferentes e quantitativos da escrita (mínimo de três letras para se considerar uma palavra), referindo-se ao Nível Pré-silábico 2; e por fim o terceiro, quando enfatiza a fonetização da escrita, ou seja, relaciona as letras aos sons da fala (referindo-se aos Níveis Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético).

Segundo Campelo “As escritas não-convencionais que aparecem nos níveis de conceitualização, anteriores à escrita alfabética, não são aprendizagens prévias nem pré-requisitos, mas parte integrante do processo de alfabetização” (CAMPELO, 2015, p.189). Diante disso, pode-se enfatizar que esses níveis não seguem uma sequência linear, na qual o indivíduo tem que passar obrigatoriamente por todas as etapas, mas constituem parte integrante do processo da construção do seu conhecimento sobre a escrita. Essas escritas espontâneas das crianças, portanto, servem como referência para que o educador possa conhecer o que a criança demonstra saber e assim poder mediar sua aprendizagem a fim de favorecer o desenvolvimento dos seus níveis posteriores.

Além disso, como bem comprova Frade (2005):

[...] as relações entre letras e sons não são simples. São de natureza complexa. Para compreender o funcionamento do nosso sistema alfabético, é preciso descobrir e ser informado sobre o que distingue a escrita de outras representações simbólicas, o espaçamento e a direção da escrita, conhecer o alfabeto, as combinações possíveis entre as letras. Essas descobertas vão resultar na consciência da relação da representação alfabética com segmentos de fala. Feitas essas conquistas, é preciso enfrentar os problemas com a escrita ortográfica, que passa por outras regras (FRADE, 2005, p.46).

Ao se considerar o espaço escolar e os diferentes componentes que envolvem os níveis de escrita, pode-se afirmar que, apesar de se considerar o processo de cada criança único e diferenciado dos demais, torna-se notório que muitos educadores estranham as produções das crianças ou mesmo não sabem como interpretá-las e ajudá-las a avançarem. Sendo assim, o educador pode possibilitar mediações que envolvam ações e objetos presentes na sala de aula a fim instigar a apropriação do sistema de escrita.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O Este estudo baseia-se em pesquisas realizadas por Emília Ferreiro (1994) e colaboradores, que apontam elementos de diferenciação da escrita espontânea de crianças, enquadrando-se na concepção psicogenética defendida pela mesma. Assim, é importante salientar os procedimentos para o recolhimento de dados como condição investigativa e enfatizar a importância de levar-se em consideração o fato de que cada criança possui um nível distinto em seu processo de desenvolvimento da escrita, a qual é independente da série/nível escolar que se encontra.

O estudo contou com uma abordagem de análise bibliográfica que deu respaldo em todo



processo de investigação e possibilitou a compreensão teórico-prático desse estudo. Nessa perspectiva a revisão literária por ECHER (2001):

a revisão de literatura é imprescindível para a elaboração de um trabalho científico. O pesquisador deve acreditar na sua importância para a qualidade do projeto e da pesquisa e que tudo é aproveitável para os relatórios posteriores. Na elaboração do trabalho científico é preciso ter uma idéia clara do problema a ser resolvido e, para que ocorra esta clareza, a revisão de literatura é fundamental (ECHER, 2001, p. 6).

No que condiz a pesquisa bibliográfica que se deu a partir de materiais, tais como livros e artigos de relevância para a temática de investigação, grande parte dos estudos exploratórios utilizam desse tipo de revisão, sendo sua principal vantagem permitir ao investigador a cobertura de uma grande variedade de fenômenos. (GIL, 1999).

Diante disso, o caminho teórico-metodológico trilhado teve como abordagem a revisão literária com teóricos, tais como Ferreiro (1994) que contribui com sua teoria a respeito do processo de aquisição da língua escrita pela criança, focalizando este processo por meio da construção de hipóteses diferenciadas. Ademais, outros autores que se embasam pela perspectiva psicogenética como Lovatto; Branco (2014) e Marinelli (2012). Por fim, Echer (2001); Gil (1999) e Deslandes; Cruz Neto; Gomes; Minayo (1994) que se fazem necessários para direcionamento nos aspectos metodológicos para compor o presente estudo de pesquisa.

Desse modo, o percurso metodológico adotado possui caráter exploratório pautado na investigação, registro e análise da escrita espontânea de crianças da Educação Infantil, mais especificamente, do nível IV. A pesquisa é de caráter qualitativo, pois segundo Deslandes; Cruz Neto; Gomes; Minayo (1994, p. 21) “[...] Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

Assim, após o planejamento prévio da sessão e da confecção do material a ser utilizado, ocorreu a ida à referida escola de Educação Infantil, localizada no município de Caicó, sendo selecionada sem nenhum critério pré- estabelecido e com a anuência de uma Coordenadora Pedagógica, uma turma do nível IV. Visto isso, contando-se com a colaboração da professora da turma, foram escolhidas aleatoriamente quatro crianças das catorze que estavam presentes naquele dia. Salienta-se que a pesquisa foi realizada apenas com essas crianças para que as pesquisadoras pudessem analisar cuidadosamente as escritas espontâneas e conseqüentemente as indagações e respostas das mesmas. As crianças possuíam idade entre quatro e cinco anos e serão mencionados ao longo do trabalho como sujeitos A, B, C e D.

Posteriormente, realizaram-se as sessões de produção espontânea da escrita com cada criança, individualmente, acrescido de registros fotográficos e gravação de áudio, de entrevistas que tinham como base o método de indagação, também conhecido como método clínico utilizado por Piaget e inspirado na psicanálise, que Ferreiro e Teberosky (1979) se referem. Essas entrevistas objetivaram explorar a compreensão das crianças acerca de atividades de leitura e escrita, sendo realizado no momento que precedeu a produção espontânea. À vista disso, a entrevista é definida por Gil (1999) como:

pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. [...] Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem



como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 1999, p. 109).

Já no que concerne a evolução da escrita infantil, Emília Ferreiro traz teorias consistentes, que segundo Lovatto e Branco (2014):

aproveitar a pesquisa de Emília Ferreiro significa entender como acontece a evolução da escrita pela criança e ainda como conduzir esse importante processo no ambiente escolar. De modo que os professores transformem a sala de aula num lugar atrativo, rico em materiais de leitura para que a criança perceba uma finalidade no que lhe é proposto e que, ainda o professor deixe de ser um mero transmissor do seu conhecimento e passe a interagir com o aluno, mostrando-lhe que ele não é o detentor do conhecimento, e que a aprendizagem deve acontecer de forma interativa (LOVATTO; BRANCO, 2014, p. 11).

Nessa perspectiva, destaca-se a imensurável abertura que a psicogênese revela tanto para os educandos como para professores, estes que podem usar desse tipo de ferramenta investigativa por meio de sondagens para o próprio entendimento do processo de seus alunos, de modo a servir de ponto de partida para seus futuros planejamentos e intervenções.

Logo, para executar a investigação, foram selecionadas quatro crianças aleatoriamente, denominados de sujeitos A, B, C e D, respectivamente, a fim de manter sigilo de suas identidades. Por conseguinte, os mesmos foram conduzidos para uma sala, onde se encontravam as três pesquisadoras. Para concretizar isso, fora previamente planejado e traçado um plano que incluiu materiais de apoio na execução do procedimento, como a confecção de cartões com diferentes modos de escrita e desenhos, que estavam inseridos em um contexto próximo ao das crianças.

Portanto, a investigação realizada a partir da coleta e análise de dados se faz de suma importância para entender como a criança pensa a escrita, isto visto de maneira teórico-prático. Por sua vez, o estudo acaba por contribuir indubitavelmente para os interessados na área e os que buscam dar continuidade as ideias exploradas, na medida em que oportuniza o crescimento do acervo de estudos para o campo educacional.

## RESULTADO E DISCUSSÕES

A concepção psicogenética coloca como objeto do seu estudo a língua escrita, está se constitui como um sistema de representação, para além da codificação e decodificação. Nesse contexto, as pesquisas no campo da psicogênese da escrita se fazem primordiais para o entendimento desse processo que se encontra interligado com o processo de alfabetização. Ao entender esses processos, o professor torna-se mais compreensível diante dos aspectos subjetivos e cognitivos da criança, à proporção que percebe se pode intervir e fazê-las avançarem nas etapas.

Ao observar a sala, constatou-se que a professora trabalhava com práticas de leitura e escrita. Na sala, as crianças tinham contato com os livros em uma estante de fácil acesso e diariamente era organizada uma rotina, na qual a leitura e contação de história se inseriam num momento específico. Antes de iniciar o trabalho com as quatro crianças, houve um diálogo com a professora da sala, que enfatizava a importância do contato com a leitura e a escrita desde a Educação Infantil e também da relevância do educador identificar os níveis de escrita da criança, demonstrando compreensão acerca da temática trabalhada.

No primeiro momento da investigação, foi realizada uma breve entrevista a partir do método de indagação com as crianças com a finalidade de entender suas concepções acerca da escrita, logo, utilizou-se das seguintes perguntas: “Você já viu coisas escritas? ”; “Pode me dizer o que é escrita? ”; “Para que serve a escrita? ”; “Para que escrevemos?”. Diante disso, as mesmas



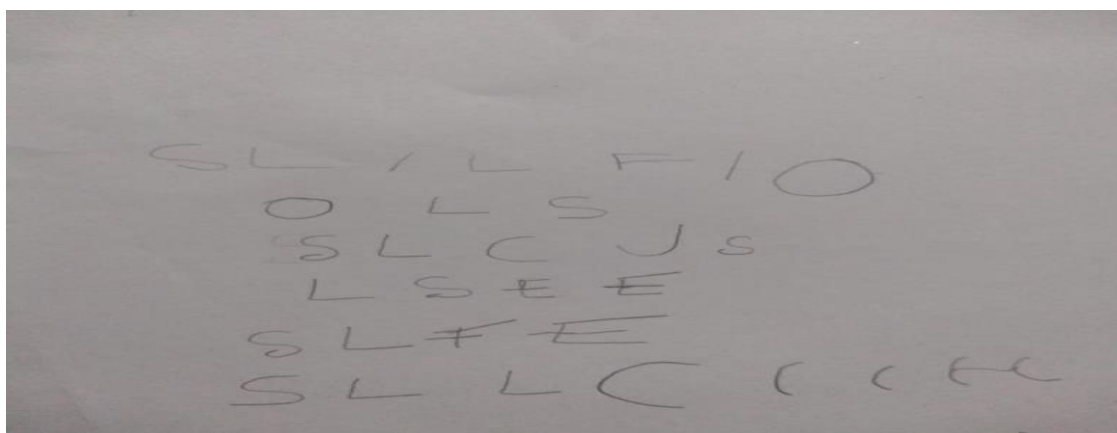
respondiam e davam exemplos do que seria escrita, uma delas por exemplo respondeu “Eu vejo coisas escritas lá nos livros da minha sala, a escrita serve pra gente estudar” (SUJEITO A, 2020).

Conquanto, outras não sabiam conceituá-la, quando foi questionado a uma das crianças para que serve a escrita, a mesma respondeu “Eu ainda não aprendi a escrever, não sei para que serve” (SUJEITO B, 2020). Nessa transcrição, torna-se explícito que a criança atribui o fato de só compreender a escrita os educandos alfabetizados, o que é pensamento comum não apenas das crianças, mas por vezes até mesmo dos educadores.

No segundo momento foram espalhados cartões sobre a mesa, neles estavam contidos desenhos, palavras e garatujas. Em seguida foi pedido para que as crianças identificassem, segundo suas concepções, o que dava para ser lido e o que não era possível ler, de modo que os cartões fossem postos de acordo com as duas categorias mencionadas. O resultado disso foi que não houve unanimidade nas categorias, isto é, as crianças não conseguiram realmente discernir/ estabelecer distinção adequada entre as categorias mencionadas (palavras, desenhos, garatujas) misturando tudo nos dois grupos.

No terceiro momento, foi dada a oportunidade para que elas escrevessem, da forma como demonstravam saber, palavras indicadas pela pesquisadora, tendo tido como tema geral, uma “Festa de aniversário”. Assim, diante desse tema foram selecionadas as sentenças.

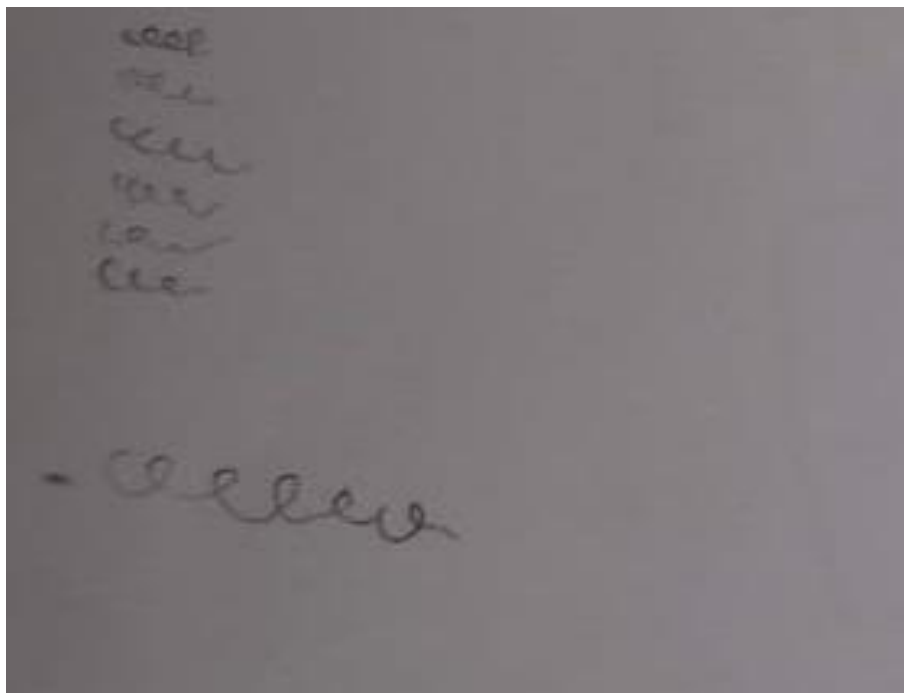
Começado a investigação, o Sujeito A escreveu seu nome inicial a pedido da pesquisadora (Que não será mostrado na imagem a fim de manter o sigilo da identidade do sujeito) e, por conseguinte escreveu as palavras pedidas, tais como pipoca, balão, bolo, refrigerante. O mesmo relacionou a escrita com o seu nome. E ao escrever as palavras, todas foram baseadas nas letras de seu nome, ele reconhece que as palavras são escritas com letras e variam de acordo com a quantidade. Além disso, escreveu com um mínimo de três letras para cada palavra e para palavras diferentes, escreveu com letras diferentes. Logo, se encontra no nível pré-silábico 2.



**Figura 1.** Escrita do Sujeito A

Fonte: Próprias autoras, 2020.

O Sujeito B escreveu seu nome de acordo com a escrita convencional e, posterior a isso, na escrita das palavras teve sua escrita baseada em rabiscos em espiral. Visivelmente este estudante apesar de diferenciar desenho de escrita, não domina a língua escrita convencional, encontra-se assim no nível Pré-silábico 1, no qual a criança diferencia o desenho da escrita fazendo traços, com linhas e formas semelhantes a “emes”, em que só quem escreveu sabe o significado.



**Figura 2.** Escrita do Sujeito B

Fonte: Próprias autoras, 2020.

O Sujeito C faz uma atribuição interessante sobre seu contato particular com a escrita, revelando saber que a escrita serve para dá nome às coisas. Ao se colocar frente à prática faz distinção entre o desenho e a escrita, escrevendo as letras o, u e r. Em diagnóstico, pode ser classificado como pré-silábico 1.

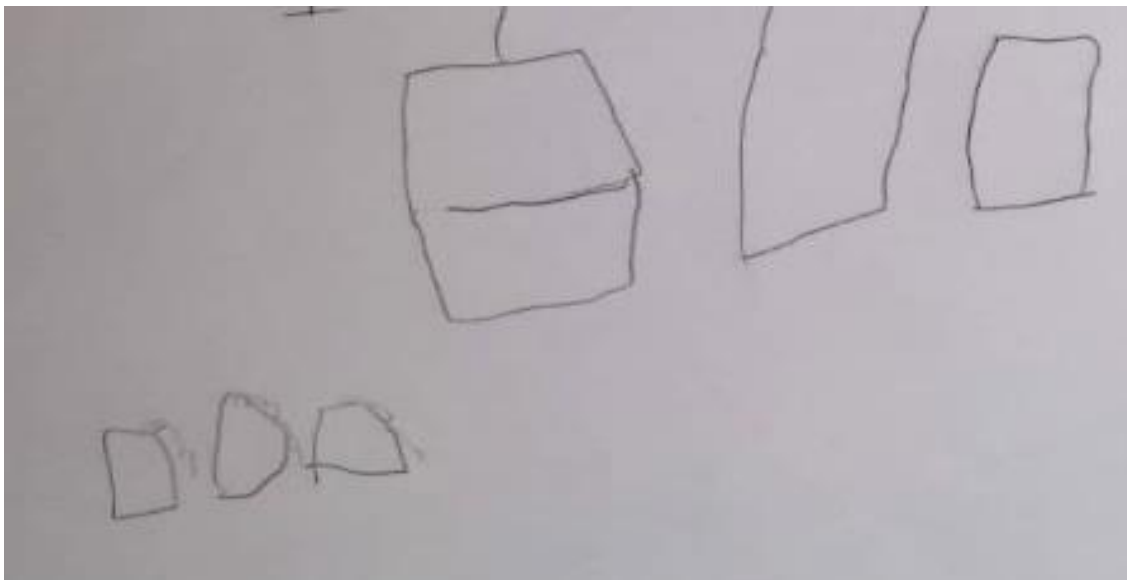


**Figura 3.** Escrita do Sujeito C

Fonte: Próprias autoras, 2020.

Por fim, o Sujeito D entende que a escrita tanto pode dar nomes as coisas como serve para fazer desenhos. Na escrita espontânea, considerou a proposta da pesquisadora como um modo de representação através dos desenhos. Visto isso, como o referido sujeito ainda desenha para representar as palavras, ele não é categorizado no nível pré-silábico 1, estando dessa forma, na fase da pré-história da escrita.



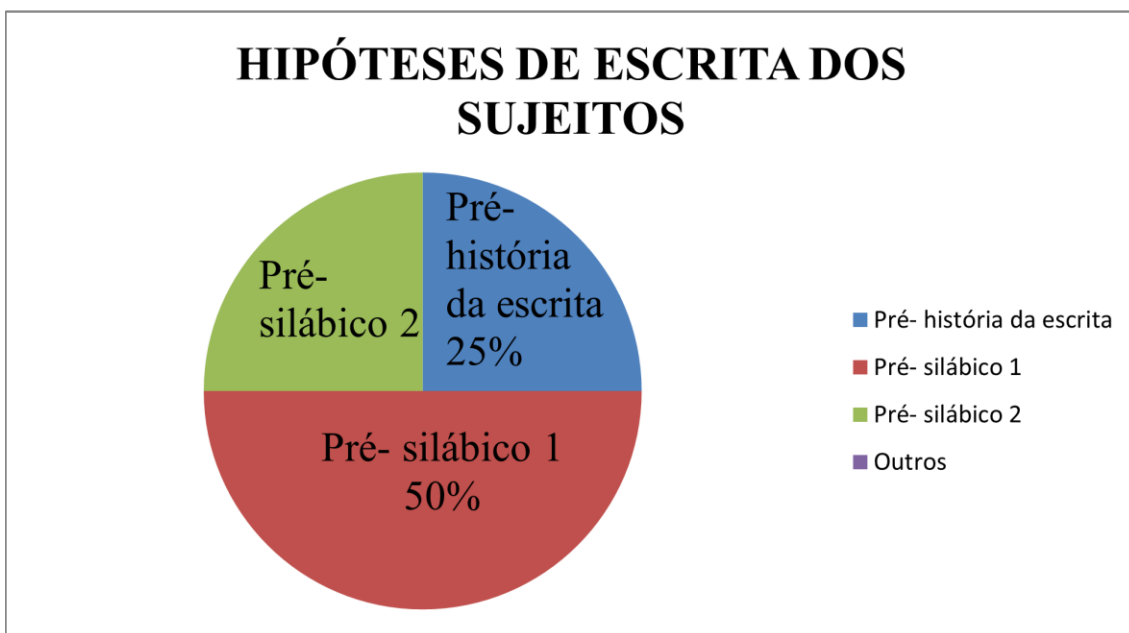


**Figura 4.** Escrita do Sujeito D

Fonte: Próprias autoras, 2020.

Portanto, a experiência possibilitou que as pesquisadoras compreendessem diferentes hipóteses no processo de escrita das crianças, possibilitando presenciar como as mesmas entendem e pensam a escrita, tanto por meio da entrevista como através da escrita espontânea.

Logo, observaram-se os seguintes dados:



**Figura 5.** Hipóteses de escrita dos sujeitos

Fonte: Próprias autoras, 2020.

Diante do gráfico é possível concluir que os sujeitos investigados se encontram nos níveis da pré-história da escrita, pré-silábico 1 e pré-silábico 2. Dessa maneira, é possível destacar que nenhuma das crianças se classificou dentro dos níveis silábico, silábico-alfabético e alfabético



que, no gráfico, encontra-se representado como “outros”.

Nesse viés, compreende-se a importância do docente em saber e diagnosticar os níveis de escrita dos seus alunos. Pois segundo Marinelli (2012):

a sondagem é de grande importância, pois é por meio dela que o docente estará apto para perceber em qual etapa de escrita o aluno está. No entanto essa não é uma ferramenta que deve ser utilizada para rotular os alunos, pelo contrário, um professor consciente poderá contar com ela para basear suas propostas educacionais e saber aplicá-las da maneira mais adequada para cada aluno visando conduzi-los a última etapa: alfabética (MARINELLI, 2012, p.4).

Perante isso, ao constatar a hipótese de leitura não deve existir comparações entre os alunos sob formas de julgamentos ou classificações, pois cada criança é única e possui seu próprio tempo, exemplo disso, foi a investigação aqui relatada, na qual estudantes com pouca diferenciação de idade e todos no mesmo nível escolar apresentaram diferentes níveis de escrita. Ademais, segundo Conceição e Lima:

o professor que não sabe diagnosticar a dificuldade de seu aluno acaba sendo preconceituoso, julgando-o como “incapaz” ou “desinteressado”. É necessário que o educador tenha consciência de como ocorre o processo de aprendizagem de seu aluno para compreender cada passo do aprendiz rumo ao saber, e quais problemas ele enfrentará nesse caminho. Nesse sentido, Ferreiro (1987) fez uma importante observação a respeito de como acontece o processo de aquisição da escrita nas crianças. Segundo ela, para que uma criança descubra o caráter simbólico da escrita é preciso que tenha situações em que a escrita se torne objeto de seu pensamento, pois o conhecimento geral e o contato com o mundo letrado são muito importantes para esse processo (CONCEIÇÃO; LIMA, 2014, p. 7-8).

É importante frisar que tanto antes como depois da fase alfabética, o educador pode trabalhar diferentes gêneros textuais para auxiliar nesse processo, abordando também o discurso oral e o escrito, pois “os gêneros do discurso, são as diferentes formas de se organizarem os discursos produzidos nas diferentes esferas da atividade humana [...]” (CARDOSO, 2012, p.44). Sendo assim, é possível trabalhar diferentes gêneros e produções orais e escritas desde a Educação Infantil, pois como se comprova:

é evidente que aprender a produzir textos é uma atividade complexa, que envolve conhecimentos de diferentes naturezas e que deve ser objeto de ensino. Por isso, consideramos a necessidade de planejamento de diferentes situações didáticas que visem ao ensino e à aprendizagem da produção de textos desde cedo. Acreditamos que se a escrita de textos for trabalhada desde a educação infantil, uma tarefa que no futuro é considerada árdua e penosa por muitos alunos, passará a ser mais tranquila e prazerosa (IBID, 2012, p.82).

Em suma, pode-se afirmar que a compreensão dos níveis e períodos que compõem a conceitualização da escrita é extremamente importante para se mediar o processo de escrita do educando. Para tanto, torna-se necessário também se considerar suas produções espontâneas e a ressignificação do conceito de alfabetizar, não se restringindo a um único método, tido como mais “certo” ou “eficaz”.

Portanto, a aquisição da língua escrita é um caminho ao qual a criança se submete ao longo de sua trajetória acadêmica, é de indubitável importância a inserção dela o mais cedo possível no mundo da leitura e da escrita. De fato, o processo de alfabetização não se apresenta como um dos objetivos da Educação Infantil, mas inserir práticas de leitura e escrita desde cedo resulta no bom andamento e continuidade do processo de aquisição da língua, de forma que compreendê-la



significa mais do que reforçar o processo de codificação e decodificação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pautado na relevância de se pensar nas práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, mesmo sem o objetivo de alfabetizar as crianças, o presente estudo, apresentando como base teórica a psicogênese da escrita, teve como foco a análise de escritas espontâneas de crianças de uma turma de Educação Infantil.

Diante disso, a investigação realizada abordou dados empíricos, que mostraram o significativo levantamento, no que diz respeito aos níveis de escrita espontânea de cada criança. A referida pesquisa oportunizou também compreender com melhor nitidez o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), ao passo que, a partir das análises confrontava-se e articulavam-se os saberes teóricos e práticos.

Os objetivos da investigação foram concretizados, haja vista que, as crianças participaram ativamente das tarefas propostas, favorecendo assim uma compreensão acerca da psicogênese da escrita a partir da identificação dos níveis de escrita e ainda da associação com os fundamentos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Desse modo, a relevância do desenvolvimento desse trabalho para fins acadêmicos e profissionais é indubitável. Salientando que os docentes precisam aprofundar seus conhecimentos e identificar os níveis de escrita de seus educandos, não para fazer comparações ou para exigir que se chegue ao nível alfabético mais rápido, mas sim para compreender e organizar estratégias que auxiliem na aprendizagem do sujeito, sabendo que há um processo que precisa ser considerado.

A partir de uma investigação do processo de escrita das crianças, fundamentado nas concepções teóricas de Emília Ferreiro (1994) e de outros autores, pode-se afirmar que os níveis de escrita representam um processo particular e único de cada criança. Sendo assim, o professor pode mediar para que o educando chegue ao nível alfabético. No entanto, compreendendo que os níveis anteriores não devem ser desprezados.

Portanto, pensar na relevância desse diagnóstico desde a Educação Infantil se faz essencial, uma vez que pode potencializar a ação mediadora do professor junto às crianças, sem deixar de se considerar, sobretudo, a importância do seu contato com livros e revistas, inserção em práticas de leituras e contação de histórias bem como, oportunidades de produções de escrita espontânea, favorecendo assim, o seu processo de aquisição da língua escrita.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, 2009.

BRASIL. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

CAGLIARI, L. C. Algumas questões de Linguística na Alfabetização. **Univesp**, 2012. p. 72-83.

CAMPELO, M. E. C. H. Psicogênese da Língua Escrita: Referência Fundamental para a



Compreensão do Processo de Alfabetização. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.53, n. 39, 2015. p.186-217.

CARDOSO, B. P. A. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

CONCEIÇÃO, R. I. S.; LIMA, V. J. Diagnóstico de hipóteses de escrita alfabético- ortográfica dos alunos de uma escola pública de Dourados. **Anais do 8º ENEPEX UFGD**. Dourados: Editora da UFGD, 2014.

DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R; MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECHER, I. C. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2001.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1994.

FRADE, I. C. A. S. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOVATTO, J. V. K.; BRANCO, V. O domínio da leitura e da escrita: importância para as aprendizagens escolares e o exercício da cidadania. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Curitiba: SEED/PR, 2016.

MARINELLI, L. G. Sondagem de alfabetização: uma análise das hipóteses de escrita. Ano VI. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, 2012.

TEBEROSKY, A.; FERREIRO, E. **Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño**. Madrid, 1979.